

ELEIÇÕES  
2000  
AMERICANAS

## NOVELA AMERICANA

A imprensa dos EUA foi obrigada a se retratar com o país e o mundo por ter se precipitado em anunciar a vitória do democrata Gore na Flórida, e do republicano Bush como o vencedor das eleições presidenciais

Desculpem  
nossa falhaDa Redação  
com agências

Os meios de comunicação americanos passaram todo o dia de ontem fazendo um mea-culpa pela divulgação de resultados errados na eleição. No afã de anunciar em primeira mão o novo presidente dos Estados Unidos, as cadeias de TV e alguns jornais projetaram de forma precipitada e imprecisa dados coletados pela empresa Voters News Service, de propriedade dos principais formadores de opinião da América (CNN, CBS, NBC, Fox, ABC e Associated Press). Parecia o lobo querendo comer o lobo.

Antes de a apuração da Flórida terminar, as redes de TVs anunciaram a vitória do democrata Al Gore. Estava errado. No meio da madrugada, os jornalistas reconheceram que Bush estava na frente. Horas depois, divulgaram precipitadamente que o republicano teria ganho a corrida à Casa Branca. Erraram de novo. Na manhã de quarta-feira, dia 8, os americanos continuavam sem novo governo.

A mídia eletrônica americana — antes considerada fonte confiável em todas as grandes coberturas (guerras, catástrofes e eleições) — pagou um preço alto por privilegiar o furo jornalís-

tico à apuração dos fatos. Além de comprometer seriamente sua credibilidade ainda levou o vice-presidente do país mais poderoso do mundo a parabenizar seu adversário antes da hora. Que mico!

Um dos primeiros canais de TV americanos a dar a informação, e na quarta-feira pedir desculpas pelo erro, foi a rede ABC. A emissora admitiu a falha e justificou: "O processo no qual as estimativas do voto se basearam durante anos na proteção dos resultados é imperfeito".

O processo imperfeito a que a emissora se referia era a Voters News Service, uma agência pouco conhecida mas muito poderosa, formada por redes de televisão e pela agência de notícias norte-americana Associated Press, que funciona desde 1990. Segundo os diretores dos principais canais de TV, foi esta agência que deu a Al Gore como vencedor no estado da Flórida e, consequentemente, o novo presidente dos Estados Unidos. O serviço de informação fez suas projeções a partir dos resultados de boca de urna em todo o país foram escolhidas 1,5 mil juntas eleitorais para boca-de-urna.

"Os noticiários são construídos diariamente com base em critérios que têm pouco a ver com as notícias", protestou Mar-



UM TELESPECTADOR AMERICANO ASSISTE À ENTREVISTA QUE O REPUBLICANO GEORGE BUSH DEU À CNN CONTESTANDO OS RESULTADOS DA FLÓRIDA

vin Kalb do Centro de Pesquisa para a População e Imprensa. Tom Woltzen, ex-produtor da emissora NBC — que também deu a vitória precipitada dos dois candidatos —, disse que a decisão de formar a agência foi um "ato de miopia". Ele disse também que iria rever as estratégias de trabalho que poderiam ter levado sua equipe a cometer o erro.

O próprio Voters News Service — bode expiatório que os meios de comunicação dos Estados Unidos arranjaram para justificar o erro — estudará as causas que levaram a maioria da imprensa a dar uma notícia falsa.

Mas o serviço de informação no qual se basearam os meios de comunicação norte-ameri-

canos não foi o único responsável por mais confusão na já bagunçada eleição dos Estados Unidos. Segundo o professor de Ciência Política da Universidade de Michigan, Christopher Achen — que trabalhou com o consultor para a rede de televisão ABC —, disse que antes da emissora dar Gore como vencedor na noite de terça-feira, as chances de

erro da informação estava entre 10 e 15%.

Achen falou que, ao ver outras emissoras a dar o resultado da eleição presidencial, os diretores da emissora o colocaram contra a parede: "Naquele momento, estávamos sob muita pressão. Eles perguntavam qual era o problema por que nós não podíamos dar o resultado".

Informe Publicitário

## Esclarecimento à sociedade

A propósito da matéria publicada no dia 9 de novembro do corrente pelo *Correio Braziliense*, intitulada "O Enrolado Embaixador da Bahia", na qual um trecho de seu conteúdo sugere que compras realizadas pelo Senado Federal teriam sido contratadas em função de interesses lobistas de fornecedores, vimos a público esclarecer o seguinte:

As compras realizadas pelo Senado Federal, na administração da atual Mesa Diretora, presidida pelo senador Antônio Carlos Magalhães, têm sido feitas rigorosamente dentro da Lei 8.666, de 1993, que regulamenta as aquisições no serviço público e em estrita obediência ao que determina o Ato da Comissão Diretora do Senado Federal nº 15, de 1997. Ademais, o Presidente da Casa sequer participa dos procedimentos licitatórios, cabendo ao Primeiro-Secretário autorizar a deflagração dos mesmos, bem como ratificar os casos de inexigibilidade, em conformidade com o que a lei determina.

Nos casos específicos citados pelo Jornal, esclarecemos que as compras para a ampliação e modernização da Biblioteca do Senado ocorreram mediante concorrência pública submetida a ampla divulgação através do Diário Oficial da União, edição de 28 de abril de 1998 e publicações no *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo*, e *Jornal do Brasil*, no dia 8 de maio de 1998.

O resultado da licitação, que seguiu rigorosamente todos os trâmites legais, conforme comprovam ampla documentação por nós disponibilizada ontem a toda a Imprensa do País, foi publicado no diário oficial de 7 de julho de 1998.

A modernização da Biblioteca do Senado, uma das maiores e mais importantes do Brasil, foi amplamente justificada em exposição de motivos minuciosa, de autoria da Diretora daquela unidade, Senhora Simone Bastos Vieira, e aprovada pela Mesa Diretora desta Casa.

No que se refere às compras realizadas pelo Centro de Informática e Processamento de Dados do Senado Federal (Prodasen), o objetivo foi instalar uma sala cofre destinada a garantir a segurança de um parque computacional de elevadíssimo custo, que armazena um acervo de informações de valor inestimável e vitais para as atividades do Legislativo e para a sociedade brasileira.

Após assegurar-se de que somente havia um único fornecedor dos equipamentos requeridos, abriu-se um processo regular de compra fundamentado no inciso 1º do Artigo 25 da Lei 8.666, de 1993.

O fundamento básico de todo processo licitatório é selecionar o melhor fornecedor entre um grupo de fornecedores. Obviamente, se há somente um único fornecedor do produto, não há o que selecionar, a não ser proceder-se a um exame rigoroso de preço, qualidade, condições de entrega, manutenção e coisas dessa natureza, o que foi feito com esmero.

E tanto esse é o procedimento legal e natural, que vários outros órgãos públicos adquiriram da mesma empresa fornecedora ao Senado, a sala cofre aqui mencionada, valendo-se do mesmo dispositivo da inexigibilidade previsto em Lei. Destacam-se entre as empresas compradoras desse equipamento, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a ANEEL, a Telesp Celular, o Prodan-SP, e a Datamec-Rio.

A Infraero e o Ministério da Saúde, em vez de se utilizarem desse mecanismo legal, preferiram realizar licitação, verificando-se, então, o mesmo resultado da inexigibilidade, uma vez que a citada fornecedora foi também selecionada por ser a única a atender as especificações dos compradores.

Vale ressaltar, ainda, que a lei exige declaração de entidade idônea atestando a exclusividade no fornecimento do produto que se quer adquirir por inexigibilidade. No caso da compra aqui citada, feita pelo Prodase, foram anexadas ao processo declarações de várias entidades, atestando a exclusividade do fornecedor em questão, destacando-se, entre elas, a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Associação Comercial de Minas Gerais, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a Associação das Indústrias do Mobilário do Estado de São Paulo e o Sindicato do Comércio Varejista de Materiais de Construção, Maquinismo, Ferragens, Tintas, Louças e Vidro da Grande São Paulo. A compra somente foi realizada após pesquisa de preços junto a outros compradores e após minuciosa análise do processo feita pelo setor Jurídico do Senado.

Informe ainda que toda a documentação relativa a quaisquer compras realizadas pelo Senado Federal encontra-se à disposição da Imprensa ou de qualquer cidadão que queira averiguar a veracidade das informações aqui prestadas.

Senador Ronaldo Cunha Lima  
Primeiro Secretário do Senado Federal



O REPÓRTER DA TV UNIVISION MARTIN BERLANGA SE PREPARA PARA ANUNCIAR A FALSA VITÓRIA DE BUSH

## Imprensa mundial ironiza eleição

Da Redação

As eleições presidenciais dos Estados Unidos também foram manchete pelo mundo. Mas enquanto a imprensa de alguns países está preocupada com as supostas fraudes e a demora em decretar um vencedor, meios de comunicação de outros países viram o fato norte-americano com muito humor.

O jornal italiano *La Repubblica* estampou em sua primeira página: "Uma noite de república de bananas". Os jornais russos também não perderam a piada, e compararam o processo eleitoral americano a "um drama digno de Hollywood". "Os principais candidatos têm programas praticamente idênticos e as eleições nos Estados Unidos deixam pouco a pouco de ser um acontecimento político para passar ao terreno do *show business*", disse o jornal *Kommersant*.

Cuba, por sua vez, não aguentou ver a agonia política do vizinho e maior inimigo. "Aos dirigentes dos Estados Unidos não lhes resta outra alternativa se-

não repetirem as eleições na Flórida, para saberem quem é o vencedor e manterem a ficção de que nesse país existe algo que se pareça a uma democracia", escreveu o jornal oficial *Granma*. O periódico ainda falou que o mundo verá o Tio Sam como uma "república da banana" se não convocarem novo sufrágio no estado sulista.

Os cubanos responsabilizaram os cubanos exilados na Flórida pelas fraudes eleitorais porque eles se consideram capazes de decidir quem será o novo líder do país. "A máfia não só investiu grandes somas de dinheiro como recorreu descaradamente à fraude eleitoral como faziam seus antecessores em Cuba antes da Revolução de 1959".

Já a imprensa britânica foi mais divertida. "Foi uma paródia de democracia", disse o jornal *Times*. Segundo a publicação, o país do Tio Sam pode estar à beira de sua mais grave crise política desde Watergate.

O jornal inglês *Daily Telegraph*, por sua vez, brincou com as pesquisas norte-americanas dizen-

do: "Os últimos resultados que recebemos indicam que 49,5% de tudo o que foi dito é porcaria".

A unanimidade francesa em relação às eleições foi o "sustentado", como disse o jornal *Le Parisien* e o *Le Figaro*, que publicaram na América do Norte. O diário comunista *L'Humanité* destacou a limitação do sistema eleitoral dos Estados Unidos: "Sem esta reliquia (o sistema eleitoral) da época do Velho Oeste, de Buffalo Bill e do trem a vapor, o presidente dos Estados Unidos já seria conhecido: Al Gore".

As críticas também surgiram no Oriente. O jornal iraquiano *Babel* classificou de "peça cômica" o sufrágio, estimando que o resultado da votação está nas mãos de "forças sionistas". Segundo o editorial, "esta eleição dos EUA não passa de uma peça de teatro de fantoches, onde os judeus movimentam os cordéis", acrescentando que "o candidato vencedor deve ser o que mais prometer concessões a Israel durante a próxima visita de Ehud Barak (primeiro-ministro israelense) a Washington".